

Annemarie Jordan Gschwend, *The Story of Süleyman: Celebrity elephants and other Exotica in Renaissance Portugal*, Zurich/Philadelphia. A Pachyderm Production, 2010. 70pp. 20€. ISBN: 978-1-61658-821-2

Esta publicação (de dimensão reduzida, mas nem por isso menos interessante e exacta, profusamente documentada e ilustrada, de fácil manejo e leitura) é um bom exemplo de como se pode otimizar a imensa pesquisa que é realizada para a montagem de uma exposição ou para a escrita de um trabalho de âmbito académico. Sendo resultante de um interesse antigo, de um conhecimento actualizado e variado da historiografia sobre este assunto e de material arquivístico levantando pela autora na sequência do comissariado da exposição inaugurada em Novembro de 2010 no prestigiado Museu Rietberg em Zurique, *Ivories of Ceylon. Luxury Goods of the Renaissance*, as estimulantes novidades reunidas nestas páginas não tinham cabimento imediato nos objectivos da exibição e do seu catálogo (Annemarie Jordan Gschwend e Johannes Beltz, *Elfenbeine aus Ceylon. Luxusgüter für Katharina von Habsburg (1507-1578)*, Zurich. Museum Rietberg, 2010. ISBN: 978-3-907077-49-8; editado apenas em alemão, pelo que aguardamos uma edição em inglês para logo que possível). Reunido, portanto, neste volume facilmente se tornou acessível aos leitores.

Como o título indica, o que o texto de Annemarie J. Gschwend nos traz é a história de Suleimão. Mas não do Suleimão histórico, ou seja, do sultão turco, o *Magnífico* (1494-1566); trata-se antes da vida prodigiosa de um elefante cingalês que viajou mais de 15.000 quilómetros e conheceu o quente e húmido sul da Ásia, o atlântico Portugal e a continental Europa, da Espanha à Áustria.

O elefante, que também já foi personagem literária do livro de José Saramago *A Viagem do Elegante* (2008), é aqui tratado como personagem histórica (sem esquecer todo um sub-capítulo dedicado ao enigma em torno do verdadeiro nome do animal; afinal, “o que é um nome?”), recorrendo a documentação e a uma cativante contextualização cultural, artística e social que torna este livro muito mais do que o relato extravagante dos factos e trajecto da vida de um paquiderme desde o seu Ceilão (Sri Lanka) natal até à corte erudita e opulenta dos Habsburgo austríacos.

Embarcado numa nau no ano de 1542, Suleimão sobreviveu à viagem e à incerteza da sua custosa manutenção nas cortes portuguesa e espanhola (para onde entretanto fora levado na sequência da oferta da rainha D. Catarina, em 1549, ao seu neto, o infante Carlos de Espanha) para ser incluído na comitiva de Maximiliano II, numa viagem longa e dura que atravessou a Europa, aquando do regresso do futuro monarca a Viena depois de uma prolongada estada (1548-50) em Espanha (relato que se estende por todo o segundo capítulo, contado em tópicos bem arrumados e pormenorizados).

Ainda que centrado na história dos paquidermes que fizeram as delícias da Europa quinhentista, o livro de Annemarie J. Gschwend explora outras pistas do universo das problemáticas artísticas e históricas da época moderna. Transportando-nos para o ambiente intelectual e artístico que se vivia nas cortes dos Habsburgo (e que formavam uma rede apertada de interesses espalhados pela geografia europeia), foca aspectos como o mercado global de bens e produtos exóticos e de luxo; o aparecimento de um gosto e curiosidade

científica pela criação de colecções de animais selvagens; o significado e a associação a símbolos do poder suscitado pela apropriação da imagem de animais raros e exóticos, designadamente, o elefante (e de que D. Manuel foi primeiro e sábio utilizador com, por exemplo, a já conhecida representação da *Leitura Nova* [fig. 5] e que Maximiliano reapropria numa placa de calcário datada de 1560 [fig. 26]) e a sua manutenção em *ménageries* (um espaço precursor do jardim zoológico moderno, onde se guardavam os animais selvagens e exóticos); a importância da corte manuelina (e, depois, da joanina, com particular destaque para o papel de D. Catarina, “rainha mercadora” que dominava as redes globais de aquisição, transporte e distribuição de animais, especiarias, bens e produtos de luxo, desde os seus locais de origem espalhados pelo império português, passando por Lisboa e depois enviados para a sua extensa rede de contactos familiares e pessoais) na fixação – a que Gschwend chama “a emergência de uma cultura elefantina na corte portuguesa” (p. vii) e que consubstancia com os dados e análise de todo o primeiro capítulo –, difusão (através da sua utilização como presentes diplomáticos) e estímulo do gosto, cuidado e destaque conferido aos animais selvagens de grande porte – e que a autora explora no terceiro capítulo abordando “O legado de Suleimão” através da referência e história de outros elefantes que viveram nas cortes Habsburgo – ou a importância da existência destes animais na Europa (ou, como neste caso, em trânsito pelo Velho Continente) para a formação e produção artística neste fim de renascimento.

Com efeito, uma das mais-valias deste livro é a publicação de imagens, algumas inéditas, da representação de Suleimão (e de outros elefantes e animais exóticos), utilizando as mais variadas técnicas e suportes, e executadas por alguns dos mais prestigiados artistas europeus: Giuseppe Arcimboldo, Albrecht Dürer, António Tempesta, um desenho atribuído a Rafael ou Giulio Romano, António Moro, Sofonisba Anguissola, Afonso Sanches Coelho, Bernaert de Rijckere, entre outros. Os créditos das imagens são um dos espaços mais criativos do livro uma vez que invés das usuais listas de formato minúsculo e entrelinha densa e quase ilegível, temos antes dez páginas (da 50 à 59) com uma reprodução de cada imagem (de formato reduzido, é certo, mas ainda assim eficaz), identificada com o número da figura, o bilhete de identidade da peça e a localização, e uma legenda desenvolvida com informação preciosa; um pequeno catálogo sobre os recursos visuais em torno do tema do livro.

O celebrado animal, representado com fascínio inúmeras vezes em vida, haveria de morrer em 1563, apenas um ano após a sua chegada a Viena. O inconsolável Maximiliano II ordenou que o animal fosse mumificado e empalhado de forma a poder ficar em exposição. Enquanto a carcaça do animal era submetida à química taxidérmica, alguns ossos foram retirados e transformados num banco de três pernas onde foram incisos episódios da sua vida e das personagens régias que o rodearam, numa encenada e algo macabra perpetuação da sua memória. E assim pareceria que a história de Suleimão chegava ao fim. Mas as vidas deste célebre elefante são mesmo extraordinárias e, tendo sido oferecido ao duque Alberto da Baviera (genro de Maximiliano II) em 1572, sobreviveu durante séculos entre os outros objectos da colecção em exposição na *kunstzimmer* da residência de Munique e também aos bombardeamentos da cidade durante a Segunda Guerra Mundial. Armazenado em 1945 numa cave de um museu, não sobreviveu, por fim, à incúria e desleixo humanos e o animal empalhado finalmente cedeu, sendo transportado em 1950 para uma fábrica onde a sua carcaça foi transformada em solas de sapatos. O triste fim em nada se coaduna com a resiliência do animal em vida ou com a sobrevivência da sua imagem na morte, nem sequer com a pujança e fascínio que ainda exercia em 1928, quando foi transportado do antigo Museu de História Natural para o Bayerische National Museum, conforme as fotografias (inéditas) publicadas a página 33 nos mostram.

Refira-se ainda a presença neste livro de duas genealogias (a dos Reis Católicos [Aragão e Castela] e a do Habsburgo-Borgonha) bem como de um apêndice com três

documentos inéditos, dois deles transcritos em castelhano e traduzidos para inglês; uma variada bibliografia (que a autora apresenta como seleccionada mas que cobre historiografia tão diversificada quanto a portuguesa, a espanhola, a americana, a italiana, a austríaca, a holandesa, a inglesa...) e, por fim, as referências arquivísticas de mais vinte documentos e seus resumos (e que excluem os outros citados em notas ao texto), todos no Instituto dos Arquivos Nacionais – Torre do Tombo.

Para além da documentação escrita e visual inédita que a leitura deste livro nos dá a conhecer, um dos seus múltiplos contributos é o de nos lembrar o imenso campo de trabalho que está por desbravar e estudar no que a alguns aspectos do funcionamento e vivência da corte portuguesa diz respeito. A extensa bibliografia citada mais não faz do que salientar esse aspecto.

CARLA ALFERES PINTO  
(CHAM)

Anjana SINGH, *Fort Cochin in Kerala 1750-1830. The Social Condition of a Dutch Community in an Indian Milieu*, vol. 13 das Monografias TANAP sobre a história da interacção Ásia-Europa, dirigida por Leonard Blussé, Leida/Boston, Brill, 2010. ISBN 978-90-04-16816-9, xxi + 317 pp., 2 mapas, 8 apêndices, índice.

O presente título é o 13.º volume de uma colecção publicada pela Brill no âmbito do projecto TANAP (Towards a New Age of Partnership), estabelecido pelo Departamento de História da Universidade de Leida em parceria com outras instituições a nível mundial para comemorar o quarto centenário da fundação da Verenigde Oost-Indische Compagnie (doravante VOC), a Companhia Unida das Índias Orientais holandesa criada em 1602. A palavra de ordem aqui parece ser parceria, porque o projecto em questão engloba várias instituições neerlandesas e estabelece laços de cooperação com arquivos nacionais espalhados por três continentes com vista a inventariar documentação referente à VOC, a qual, por arrasto, interessa a diversos países do mundo onde a companhia desenvolveu a sua actividade. Mais do que um simples projecto de inventariação, recuperação e sistematização de fontes, o TANAP também ministra cursos de doutoramento na Universidade de Leida a pessoas oriundas dos países tocados pela acção da companhia. Algumas das teses defendidas aí têm vindo a ser publicadas pela casa editora Brill desde 2006. Mas os objectivos do TANAP ultrapassam o mero afã comemorativo momentâneo, logo ilusório, já que procuram lançar uma base de cooperação científica e académica que a longo prazo manterá a VOC, e com ela os meios universitários neerlandeses, no centro do intercâmbio cultural e do debate historiográfico a nível mundial conforme se pode comprovar mediante consulta do respectivo site na internet ([www.tanap.org](http://www.tanap.org)).

Parceria é pois, a todos os níveis, o propósito que anima o projecto, não só a nível da cooperação institucional, mas também da historiografia conforme precisa Leonard Blussé, membro do comité do programa e editor da presente série monográfica. Blussé alude à terminologia em voga nos estudos asiáticos e da expansão europeia na Ásia desde finais da década de 1970 (cf. p. vii); particularmente após a publicação em 1979 de uma colectânea de estudos em homenagem ao historiador americano Holden Furber, o qual tinha justamente abordado na sua obra as parcerias económicas, e as de outra índole, que